



OLHARES SOBRE A FAMÍLIA
DISCURSO DE ABERTURA DO ENCONTRO “OLHARES SOBRE A FAMÍLIA”
21 Março 2015 – Auditório Vita – 21h

Chegamos, hoje, ao fim deste ciclo. Vários foram os intervenientes e diversificadas as problemáticas. Assistimos a olhares divergentes em certos momentos, e convergentes noutros. O diálogo sincero tem esta marca da diversidade, da tolerância e do enriquecimento mútuo. Todos os confrontos aconteceram num clima de absoluta liberdade e transparência.

A Arquidiocese de Braga, com a colaboração da GTI, a quem agradeço para agradecer publicamente o profissionalismo e o empenho, foi capaz de promover aquilo que os helénicos consideravam indispensável para uma cidadania sadia e democrática. Ágora era o anfiteatro, praça aberta, espaço público da cultura e da política e, por isso, algo essencial para a cidadania. Creio que Braga necessita destes espaços e destes momentos. Nunca nos podemos esconder por trás de ideologias irracionais. Crescemos com a pluralidade e sabemos que só a convergência no essencial consegue um progresso verdadeiramente humano.

Foi a primeira experiência. Gostaria, porém, que ela fosse vista como o prefácio de uma plataforma de diálogo permanente entre instituições e pessoas. O nome *Nova Ágora* pode ser um verdadeiro programa para o futuro. Basta que receba mais ecos desta experiência. Já muitos se manifestaram sobre a validade e o interesse de tudo quanto aconteceu neste Auditório. Peço que não deixem de expor as suas impressões. Quanto às temáticas, também as deixo em aberto. Agradeço quaisquer sugestões que possam surgir.

Hoje abordaremos uma temática de intrincada actualidade. Quero sublinhar o que o Papa Francisco referiu no célebre discurso em Estrasburgo, algo a que, infelizmente, se deu pouca atenção. Francisco afirmou que “a família é célula fundamental e elemento precioso de toda a sociedade. A família unida, fecunda e indissolúvel traz consigo os elementos fundamentais para dar esperança ao futuro. Sem uma tal solidez, acaba-se por construir sobre a areia, com graves consequências sociais. Aliás, sublinhar a importância da família não só ajuda a dar perspectivas e esperança às novas gerações, mas também a muitos idosos, frequentemente estrangidos a viverem



em condições de solidão e abandono, porque já não há o calor dum lar doméstico capaz de os acompanhar e apoiar”.

Importa prestar atenção à família. Não o fazer é como construir a casa sobre a areia, com todos os efeitos adversos que podemos imaginar. Muitos falam de modelos alternativos de família e centram o debate em questões marginais. Fundamental é centrar a reflexão em realidades preocupantes mas que, se resolvidas, oferecem “esperança ao futuro”.

Não quero antecipar o diálogo. Recordo apenas a urgência de se reflectir sobre a educação afectiva e sobre a sexualidade, em casa e na escola. E a urgência, sobretudo, de encarar de frente várias realidades e compromissos que são tratados de modo superficial ou ambíguo.

O namoro como tempo de conhecimento mútuo para a integração de personalidades e histórias diferentes não passa de simples passatempo ou distracção. A vida familiar não é preparada para os momentos de menor capacidade na aceitação das contrariedades: dão-se roturas definitivas que poderiam ser evitadas. Alarmamo-nos com os fenómenos de violência doméstica, típicos de uma sociedade desumanizante. Desconhecemos, ou fazemos por desconhecer, a solidão e o abandono dos mais idosos. O amor à vida é, muitas vezes, substituído pela ânsia do ter mais alguma coisa, como se fosse veículo de felicidade, mas que, sabemos-lo bem, engana com frequência. A vida familiar padece de tempo para o diálogo, do tempo para a realização de actividades conjuntas, por exemplo ver um filme juntos e dialogo sobre a temática abordada, de tempo para se alicerçar em amor e tolerância.

Se olharmos para as estatísticas relacionadas com a família, e se tivermos a coragem de reflectir sobre o que elas representam, teremos alguma dificuldade em afirmar que pertencemos a uma sociedade evoluída. Não será necessário romper com estas tendências? Não teremos cada um, Igreja e Estado, de contribuir activamente para suscitar comportamentos e opções novas?

Que este *olhares sobre...* se transforme numa pedra lançada no charco para um acordar e encontrar caminhos novos.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*